

Olhai a pá nas minhas mãos vazias;
Enquanto montado no touro vou andando a pé.
Quando passo sobre a ponte não é a água que corre,
E sim a ponte.
(Shan-hui 497-469)

Olhai a pá nas minhas mãos vazias

A frase, destacada por Rosana Monnerat de um poema clássico chinês, intitula uma gravura em metal exposta na mostra *O mundo não precisa de você*. A artista me diz que essa frase é uma espécie de koan. Pergunto o que é um koan. É uma quebra da razão, explica ela, arrematando com a história do mestre que responde "Mu!" ao discípulo que quer saber se o cachorro tem natureza de Buda. Pesquiso para entender melhor: koan é um enigma sem solução, do qual deverá surgir a derrota da inteligência e a iluminação, segundo definição de Umberto Eco. Pergunta em forma de enigma, utilizada por zen-budistas. Dito, provérbio, frase, conto ou poesia, sempre de conteúdo paradoxal, cuja resolução é impossível através do pensamento lógico, definem outros. Referindo-se a ausências e presenças, aparições e desaparecimentos, a frase escolhida é uma espécie de emblema, pois é disso que essa exposição na Galeria Vermelho trata: de reflexões acerca da ausência e da impermanência do eu.

Flutuar

Em trabalho anterior, a artista criou uma família de objetos tramados com fios de cobre, povoados por casais de cera. Chamou-os de ilhas. Aqui, restou uma ilha desabitada, situada no centro da galeria. Confeccionada com fios de aço e turmalinas, descaracterizada como ilha, a escultura se chama *Um lugar para Cláudia* e é um lugar esvaziado. Abandonada pelos pares que antes conversavam com personagens de uma tela de Jean Antoine Watteau e marcada pela ausência de Cláudia, a escultura de Rosana deixa de ser lugar de encontro para ser só lugar.

Cela perfumada

Cláudia não abandonou esse lugar. Ela está aí. Este é um lugar possível, diz Rosana. Mas é a própria artista quem cria as possibilidades de *Um lugar para Cláudia*, na medida em que o utiliza como ambiente para o vídeo/performance *Visita*. Nessa ação registrada em vídeo, ela entra na escultura e fica de cabeça para baixo até o limite de suas forças. Encasulada na redoma de aço, impõe-se uma provação, o que também acontece no vídeo/performance *Um lugar ao sol*, em que empreende uma escalada na parede da galeria, perseguindo um raio de sol. Tanto um lugar quanto o outro não oferecem descanso. São redomas, mas não protegem; são redes, mas não retêm. Os lugares dessa exposição convidam ao risco. Desafiam e colocam o corpo à prova.

Esqueço-me

Visita transforma a escultura em lugar penetrável, mas não naquele sentido concebido por Hélio Oiticica. E sim em uma espécie de "penetrável de artista", já que é Rosana quem experimenta e habita sua obra, estabelecendo com ela uma relação sensorial/sensual. Ao público ainda é reservada uma relação apenas visual com a obra. Em contrapartida, esta se lhe oferece dupla: real e virtual, esvaziada e habitada. O vídeo, que registra a experiência penetrável da artista, funciona como eco – repetição distorcida – da escultura. Repete-a, deixando no espaço esvaziado da escultura a lembrança da passagem de um corpo. *Visita* é como um sonho recorrente de Rosana. Estou numa sala e finjo que não estou aparecendo. Meu corpo está lá, mas as pessoas passam e não me vêem. Esqueço que estou aparecendo, diz ela.

Pensar sem pensar

O objeto penetrável é exclusivo da artista. No entanto, ao redor da escultura, há um lugar que exige a entrega física do espectador: as paredes onde está exposta uma série de vinte gravuras em metal e três vídeos/performances. Para entrar em contato com a delicada trama de detalhes e com os textos mínimos dessas gravuras, o visitante tem de se colocar à sua altura – 85 cm do chão. Na sala, tudo leva à entrega e convida a uma determinada atitude. Sinais – bancos instalados diante das gravuras e música ambiente – levam a crer que a atitude sugerida aqui é a contemplação. Há um paradoxo: a atividade corporal sugerida é a não atividade. Algo próximo ao estado meditativo e aos almejados lugares vazios da mente. Reflexo dos lugares esvaziados da exposição.

Música é um empurrão

As formas koanicas zen-budistas já foram associadas à poética do absurdo e do nonsense, no Dada e em outros artistas ocidentais – Fernando Pessoa, John Cage e Lygia Pape, entre outros. Rosana Monnerat também dialoga com elas, assim como, em trabalhos anteriores, já conversou com Watteau e Segall. Falar em rubis é quebrar com a razão, diz ela, referindo-se ao trabalho *O mundo não precisa de você*, rede de fios de aço que empresta o título à exposição e faz citação ao conceito da “rede de rubis”, visão budista do universo como uma rede de pedras que refletem entre si.

Correnteza

A “rede de rubis” é o outro lugar possível dessa exposição. O que ela representa – a idéia da unidade que contém o todo – pode se aplicar à maneira como os trabalhos se relacionam entre si. Ou seja, a partir de reflexos. Da gravura para a escultura, para o vídeo e para a fotografia, os trabalhos da exposição se refletem em fluxo contínuo e circular. Como uma mesma mensagem que muda de forma ao passar por vários suportes, um trabalho é a memória do outro. Um deixa vestígio sobre o outro. A posição de cabeça para baixo em *Visita* repete-se no vídeo/performance *Conversa invertida*. As palavras pensadas pela artista durante o processo de confecção das redes (como nas redes de pesca, retidas da corrente do pensamento) se imprimem nas fotografias que registram a artista tecendo. Depois, se projetam da boca que faz o monólogo de *Conversa invertida*. Algumas dessas mesmas palavras são títulos das gravuras. Outras são subtítulos desse texto.

Eus

Rosana diz que as mesmas paisagens da gravura, os riscos das placas, estão na escultura. Assim como nas placas de cobre, as paisagens das redes, a priori, são vazias. As figuras entram depois. A primeira imagem que povoou uma chapa de cobre de Rosana Monnerat foi a própria figura. A primeira gravura aconteceu quase como uma repetição do mito de Narciso: depois de ver seu rosto refletido no espelho da chapa, ela não parou mais de gravar. Embora sua poética não se tenha retido no auto-retrato, agora questões ligadas ao próprio umbigo – a aparência, o narcisismo, o egoísmo – reaparecem. Citando “o outro Rembrandt” que emerge de cada auto-retrato do artista holandês, Rosana fala de um corpo em estado impermanente. Enquanto suas gravuras retratam um processo de evolução pessoal e interno, os vídeos mostram corpos desafiados ao movimento. Mas talvez a melhor metáfora para a impermanência da imagem de Rembrandt – que tende a perder a dureza dos contornos – seja mesmo *Um lugar ao sol*, lugar onde o corpo alcança a fluidez almejada, mudando com a incidência da luz e perdendo a definição. Até desaparecer.

Paula Alzugaray
Março de 2004